

### A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

Franciele Alves da Silva

Graduanda

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

[Ciely.alvez@gmail.com](mailto:Ciely.alvez@gmail.com)

#### Resumo

Em forma de uma releitura o que Paulo Freire nos leva a refletir ao tratar da leitura e da escrita no ato de ler e escrever. A importância do Ato de ler em três artigos que se completam (FREIRE, 1994). O leitor é instigado para uma reflexão ao trabalho com a leitura e a escrita na atualidade. Com base em pesquisa da área da alfabetização e da leitura e da escrita na escola será encaminhada a alternativas acerca da importância do ato de ler, caracterizando, dessa forma a intenção propositiva deste trabalho é refletir com educadores (as) sobre o ato de ler na escola. O processo de aprendizagem de leitura e da escrita pelas crianças está se desenvolvendo cada vez mais cedo, mas também muitas vezes atrasados por desinteresses por leitura de livros. Na educação infantil partindo dessa problemática temos como objetivo geral, entender como as práticas na educação infantil podem favorecer o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Criança. Leitura. Escrita. Educação Infantil.

#### Introdução:

Assim como todo texto que se é conduzido pela emoção e pelas vivências, as memórias de leitura descritas e apresentadas teoricamente e oralmente pelo educador Paulo Freire são carregadas de emoção, de estratégias e, teórica e pratica, que fundados na sua história de vida pessoal, traduzem suas opções e concepções em torno da leitura e da escrita e de suas práticas como educador na alfabetização de crianças e ate adultos.

Práticas que envolvam leitura e escrita são frequentes na nossa sociedade, especificamente, considerada como uma incógnita deficiente. Enquanto estamos envolvidos em ações cotidianas que demandam conhecimentos inerentes ao domínio da língua materna, bem como, a práticas de letramentos. Nesse envolto, as crianças como sujeito histórico e social, procura compreender a natureza destas marcas de aprendizagem. Dessa forma, confirma-se que antes da criança ter contato com a

educação escolar sistemática, em instituições de ensino, ela já mantém contato e apresenta conhecimentos acerca dos usos sociais da leitura e escrita por meio das práticas, muitas vezes, mediadas pelo adulto não com livros, mas com a tecnologia com fonte de celulares, tablete e etc. Na sociedade legal atual, assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases- LDB (9.394/96), a primeira etapa da Educação básica, a Educação Infantil, oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas, para crianças de 4 a 5 anos, com matrícula obrigatória, permitida depois da promulgação da Lei nº 12.796, de 2013. Precisa criar possibilidades para que esses sujeitos se desenvolvam integralmente, nos seus aspectos: físico, motor, psicológico e intelectual. Dessa forma, permitir o contato com experiências que envolvam o uso social da leitura e escrita pode favorecer intelectualmente suas condições de aprendizagem que se desenvolverão efetivamente na próxima etapa de ensino. Sabe-se que não é competência da Educação Infantil, possibilitar que a criança tenha domínio dos signos para leitura e escrita de modo convencional. Mas, essa etapa de ensino pode se tornar espaço privilegiado para o contato da criança com a cultura letrada.

Dessa forma, permitir o contato com experiências que envolvam o uso da leitura e escrita pode favorecer intelectualmente condições de aprendizagem que se desenvolverão efetivamente na próxima etapa de ensino. Sabe-se que não é competência da Educação Infantil, possibilitar que a criança tenha domínio dos signos para leitura e escrita. Mas, essa etapa de ensino pode se tornar espaço privilegiado para o contato da criança com a cultura letrada na sociedade.

Partindo dessa problemática temos como objetivo geral entender como as práticas na educação infantil podem favorecer o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Como objetivos específicos, apresentar como as escolas podem permitir a aprendizagem da língua materna e refletir sobre a necessidade do ambiente alfabetizador nessa etapa de ensino seja ela sendo educação básica ou avançada.

### **O letramento da linguagem oral e escrita na educação infantil**

Antes de leitura e da escrita no ato pedagógico e escolar, a criança lê o seu mundo descrito na sociedade letrada aprendendo em nomes, de casas comerciais, de produtos alimentícios, rótulos e marcas. Paulo Freire inicia suas memórias de leitura

comprovando essa aptidão natural e universal de toda a criança que, independente de seu tempo e realidade e local, lê o mundo:

[...] me vejo então na casa mediada em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós [...]. O sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava tudo isso foi meu primeiro mudo. [...] na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os ‘textos’, as ‘palavras’ e as ‘letras’ daquele contexto se encarnavam [...] tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu jamais poderia suspeitar. (FREIRE, 1994, p. 12-14)

Dessa forma, é razoável determinar que leitura e realidade se prenda a criança a leitura, não somente pela escrita espalhada por todos os lados, mas em que tudo o que está escrito nos pertence na sociedade. É dessa leitura do mundo particular e do cotidiano individual que tem o caminho para a leitura de cada pessoa. Ou seja, Paulo Freire ao relatar a “leitura” de seu mundo mostrou o seu cotidiano e enfatizou que suas aprendizagens foram “as leituras” que determinaram o seu “eu” criado e recriado, vivido e revivido. No seu ato de aprender a ler e a escrever, essa leitura, paralela e não superposta, determinou a sua leitura da palavra, pois fluía naturalmente da leitura de seu mundo particular.

Na busca de definição sobre o processo de alfabetização, caracterizado na leitura e na escrita a partir de Paulo Freire, não são raras às vezes nos deparar “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1994, p. 11). Além de uma referência conceitual acerca do processo de alfabetização esta assertiva tende a determinar que este processo precisa ser referido no contexto do educando e no qual haja o seu pertencimento enquanto entendimento de seu mundo, inicialmente e em um momento, que é escrevê-lo.

Paulo Freire ao falar, que seu processo de alfabetização e de apropriação da leitura e da escrita aconteceu em sua casa, em seu quintal, não se afastou do referencial da decodificação de palavras ao supor que ao não se esgotar nesse processo de sílabas, de palavras e de frases curtas trouxe a compreensão da inteligência do mundo que o cercava e descrito como sua leitura de mundo construída em seu viver em Recife, no estado de Pernambuco:

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 1994, p.15)

Não foi diferente com o acesso à escola e com o encontro de sua primeira professora, a alfabetizadora, crítica e rigorosa reapresentou a Paulo Freire a leitura da palavra de uma forma em que fosse descobrindo o mundo através das inúmeras possibilidades de escrevê-lo. A leitura da ‘palavra mundo’ mais uma vez é concretizada em saberes antes construído em sua casa, em seu quintal, à sombra das mangueiras. Sua professora trouxe seu mundo, seus conhecimentos prévios e as possibilidades de abraçar o mundo que, ao escrevê-lo poderia ser recriado e reinventado.

É inevitável não transpor ao cotidiano de nossas salas de alfabetização nas escolas públicas e pensá-las na perspectiva da história de vida e de aprendizagem de cada criança que compõem uma sala de aula. Da mesma forma nas classes de alfabetização de adultos com homens e com mulheres com experiência de vida, de trabalho e de perspectivas diferentes do tempo infantil próprio das classes de alfabetização das crianças. Trago as possibilidades engendradas nos eixos temáticos e nas palavras geradoras provocadas antes na forma de método e agora como teorias, proposições e alternativas para construir a leitura e a escrita na escola. Dessa forma e com estes desafios as memórias de leitura de Paulo Freire foram-me apresentando caminhos e encaminhamentos para a construção da leitura e da escrita mais contextualizada e concreta.

De acordo com Ferreiro (2011) não tem sentido deixar a criança à margem da língua escrita “esperando que amadureça” é preciso permitir que ela tenha a liberdade de experimentar os sinais escritos, num ambiente rico e letrado. A Educação Infantil é espaço de contato com diversos suportes textuais, dentre outras práticas, como a oportunidade de se expressar, observar e interagir nas diversas circunstâncias de aprendizagem em um ambiente criativo e dinâmico.

Da mesma forma, Freire nesta obra A importância do Ato de Ler nos reporta ao ensino da língua portuguesa e, em específico da leitura e da escrita em classes de alfabetização de adultos como um tempo de respeito, de concretude e de direitos naturais de que adultos se apropriem da língua escrita a partir da sua leitura e escrita prévia, de sua leitura de mundo.



No campo da alfabetização e para além de suas propostas de conteúdos Freire cerceia sua reflexão diante dos objetivos e concepções acerca da alfabetização. Muito antes de significar um ato de conhecimento e de direito ao cidadão, a sua história e o seu contexto.

Não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. [...] Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetizar tem, no alfabetizar, seu sujeito (FREIRE, 1994, p. 19)

Retomando sobre processo de alfabetização de adultos como tarefa criadora pela potencialidade de que a expressão oral pode ser a expressão escrita desse adulto e que nesse processo a construção da alfabetização não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizado, mas com ele – o alfabetizando. Para tanto exemplifica com a necessidade de uma verbalização do objeto que está para ser escrito ao supor que de posse de uma caneta, o alfabetizando precisa senti-la, percebê-la, dizê-la e entendê-la enquanto a sua função. O pressuposto é de que o processo é (será) carregado da experiência existencial do alfabetizando e da experiência do educador e, que a partir delas há outros pressupostos em relação à leitura e à escrita que são essenciais para a concretização desse processo. Dessa forma, inicialmente conceber que

[...] a oralidade precede a grafia, e que a traz em si desde o primeiro momento em que os seres humanos se tornaram socialmente capazes de ir exprimindo-se através de símbolos que diziam algo de seus sonhos, de seus medos, de sua experiência social, de suas esperanças, de suas práticas (FREIRE, 1993, p. 34)

Ou seja, ao aprendermos a ler, no preparamos imediatamente para escrever as falas que socialmente construímos, logo, esses processos de aprendizagem. Para Freire (1993) esta dicotomia que teima em separar leitura e escrita no processo de alfabetização é um equívoco, pois o processo de conhecer é geral, ao ser lido é porque foi escrito e passará ser escrito para quem o lê.

### **A importância da leitura compartilhada dentro e fora da escola.**

O trabalho com leitura parece estar em um novo patamar nas escolas nos últimos anos. Os professores compreendem a função da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar

aos outros. Ler e apreciar um texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo texto e ampliar seu olhar são ações que a escola pode desenvolver com os alunos em diferentes faixas etárias.

A leitura feita pelo professor alcançou o "horário nobre" em muitas salas de aula e hoje não é mais vista como uma atividade sem grande importância, que é realizada se sobrar um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela. A leitura está se tornando uma atividade central da aula, ocorre diariamente e, com isso, os professores têm mostrado aos alunos sua importância. As crianças podem conhecer diversos gêneros textuais, escritores e suas obras, valorizar diferentes estilos e apreciar textos de qualidade, previamente selecionados pelo professor, que compartilha com elas os critérios de sua escolha.

A leitura compartilhada ou colaborativa - aquela em que alunos e professor leem junto um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido - tem como finalidade, Sobre a leitura e a formação de leitores, "ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido sejam relativas à mobilização de capacidades de leitura, ou utilização de determinados procedimentos e desenvolvimento de comportamentos leitores sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal". A leitura compartilhada precisa ganhar mais espaço na escola com o intuito de dar aos alunos um modelo de leitor e promover o intercâmbio de ideias sobre o que foi lido.

Comentar sobre o que leu ou ouviu ajuda a atribuir sentido ao texto. Ao ouvir um conto, notícia, lenda, o aluno o interpreta com base em seus conhecimentos de mundo e de outros textos, do que sabe e conhece o autor, do que antecipou durante a leitura. Quando ouve outras interpretações sobre o mesmo texto, ele passa a considerar diferentes pontos de vista e revê os seus, modificando-os, ampliando-os ou reforçando-os. Considerar o que um colega compreendeu que caminho percorreu para chegar àquela conclusão e localizar qual parte da leitura possibilitou sua análise, ajuda-o a buscar sentido, a entender melhor o conteúdo e a ampliar sua própria interpretação sobre aquele texto e sobre outras leituras.

Preparar a leitura envolve procedimentos que devem ser socializados e explicitados. Ao definir o que cada um lerá na apresentação, os alunos podem grifar os trechos que serão lidos e destacar a última parte do colega para saber de onde partirá. Pode-se fazer um ensaio individual, outro ensaio coletivo, a apresentação para a turma e a retomada dos critérios necessários.

Ler e reler não significa de modo algum repetir várias vezes o que se leu sem ver sentido algum, apenas para tornar a leitura veloz e garantir fluência. O propósito dessa atividade é favorecer a compreensão de modo a dar mais ênfase a determinados trechos ou escolher o ritmo da narração.

### Considerações finais

Com a pesquisa foi possível entender que através da organização de um ambiente alfabetizador e uma organização curricular pautada em práticas de uso social da leitura e escrita, pelas crianças, podem facilitar a aquisição da linguagem oral e escrita. Nesse envolvimento, o professor tem um papel essencial como escriba, leitor e mediador do processo de imersão em ambientes sociais de escrita. Fica evidente que a leitura e a escrita quando é realizada de forma criativa, sem mecanização e memorização, pode ser introduzida desde a educação infantil. O que não deve acontecer é a imersão dessas crianças em um “processo” desgastante de repetição e estudo de textos descontextualizados da realidade. Assim, com a cultura letrada na qual se está imbricada as crianças precisam conhecer e vivenciar o uso social da escrita, de modo a atribuir sentidos e significados aos signos que são transformados em linguagem a partir da sua capacidade linguística.

A primeira parte do livro A importância do Ato de ler e que foi inspiração para este artigo impõe uma inferência significativa aos professores no sentido de pensarem e realizarem sua prática. Muito interessante que ao ser convidado para uma conferência de abertura em um seminário de Leitura, na sua humildade se sentiu “incapaz” de se apresentar como um conferencista. Para quem leu a palestra proferida que está publicada no primeiro capítulo do livro citado, pode conferir que Freire se superou ao escolher o percurso de sua vivência como leitor e como aprendeu a ler e a escrever à sombra da mangueira no quintal de sua casa. Seu percurso de vida de leitor e de escritor

mostrou seguramente em seu testemunho todas as concepções de educador que, ressaltado em suas obras têm sido proferidas em palestras, dissertações e teses pelo mundo afora. Dessa forma, pode-se concluir que a centralidade do sujeito aprendeu e todas as possibilidades de inferência desse sujeito em seu processo de. Acrescente-se que este sujeito em sociedade pelos auspícios da educação como um ato político, criador e inventivo se concretiza na possibilidade de transformação de sua realidade. Ao propor discorrer sobre as memórias de leitura, na forma de uma releitura sobre a importância do ato de ler pretendi ter alcançado e provocar o debate e os desafios necessários para uma educação, mais comprometida com este grupo e com a sociedade, conseqüentemente.

## Referências

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se completam. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011.